

A
N
ir
00

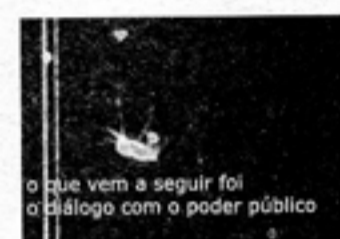
O REAL

REVISTA DE

NÚMERO SETE

PLÍNIO RAMOS

82



o que vem a seguir foi o diálogo com o poder público

Na madrugada do dia 16 de agosto, no Centro da cidade de São Paulo, a Rua Plínio Ramos foi tomada por pessoas vindas de várias partes da cidade. Moradores de outras ocupações, estudantes universitários, artistas, jornalistas, advogados e dezenas de moradores do número 82 da rua em questão se cumprimentavam, se reconheciam e tentavam se posicionar diante do que estava para vir. Marcada para as oito horas da manhã, uma ordem de reintegração de posse estava pra ser cumprida por uma oficial de Justiça, acompanhada por policiais e pela Força Tática.

Café com leite espantava o frio e o sono, música vinha de um carro próximo e várias pequenas bolas de futebol eram chutadas de um lado pro outro pelos moradores.

Toda a grande mídia sedenta compareceu ao local. Eram unidades móveis, helicópteros, links ao vivo anunciando que a qualquer instante chegaria à polícia.

A uma da manhã a coordenação do MMRC, Movimento por Moradia da Região Centro, anunciou a entrada dos moradores e das pessoas e grupos que apoiariam internamente, para que as portas de ferro fossem soldadas dificultando a entrada. O grupo Catadores de Histórias, parte do Grupo Risco e outros artistas foram para dentro do prédio para captação e registro de imagens. Do lado de fora ficaram pessoas ligadas ao movimento que tentariam negociar e muitos que ajudariam na resistência.



Durante toda a noite, coletivos ocuparam o espaço público com escritos e imagens situados em pontos estratégicos da rua e do prédio. Após a soldagem das portas, foram colados lambe-lambes explicando o processo de GENTRIFICAÇÃO, produzidos pelo coletivo Bijari. Nos postes havia a inscrição INTEGRAÇÃO SEM POSSE X REINTEGRAÇÃO DE POSSE, em gravuras realizadas pelo Dragão da Gravura. Na fachada, as letras da palavra DIGNIDADE foram coladas em nove placas de publicidade imobiliária, formando uma barricada produzida pelo coletivo Elefante. No final da rua, um grande cartaz do Esqueleto Coletivo trazia o ícone de um executivo carregando uma pasta, onde embaixo lia-se HOMENS IGNORANDO. Uma faixa no tamanho do prédio de seis andares, escrito DIREITO

À CIDADE, produzida pelo Grupo Risco junto com os moradores, ocupava verticalmente a fachada. Várias placas imobiliárias do SPLAC – Salão de Placas -, produzidas pelo coletivo EIA (Experiência Imersiva Ambiental), foram espalhadas por toda a rua. O objetivo era claro, quando a mídia gerasse suas imagens, divulgaria obrigatoriamente, os símbolos de crítica e resistência, explicitando as conseqüências da especulação imobiliária, a política de exclusão da atual administração municipal.

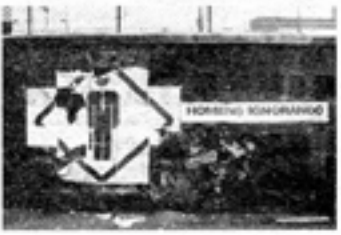
Assim que a polícia chegou, em torno de duzentas pessoas formaram uma barreira humana em frente ao prédio, para uma resistência pacífica. Enquanto isso, advogados do movimento exigiam a presença do Secretário de Habitação. Não houve acordo. Todos sentaram-se no chão quando a Força Tática se aproximou.

vídeo de Chico Linares Melina Anthis

Desse momento em diante, o que a Justiça chamou de "reintegração de posse", não passou de um despejo violento. Tudo se deu em poucos minutos. Policiais sem identificação iniciaram o confronto. Da varanda do prédio, moradores gritavam palavras de ordem junto ao líder Nelson, que puxava o coro no megafone. Lá embaixo, jatos de spray de pimenta empurraram o grupo de resistência para o fim da rua. Balas de borracha feriram pessoas gravemente e afastaram os moradores das varandas para dentro do edifício. Os ruídos externos causavam terror aos homens, mulheres e crianças que se refugiaram na sala onde dias antes os adultos eram alfabetizados. Bombas, tiros e gritos. O que estaria se passando na rua? O que aconteceria quando a Força Tática conseguisse derrubar as portas soldadas?

Nenhuma solicitação dos moradores foi atendida. Inúmeros direitos foram violados, a mídia independente foi expulsada do local, assim como os representantes jurídicos dos moradores.

Quando finalmente as pessoas foram obrigadas a sair, vinte foram retidas dentro do prédio. Dois paredões foram formados, um com integrantes dos grupos de apoio, outro com jovens moradores do prédio - os que mais sofreram agressões. Todos foram obrigados a ouvir calados os gritos de um jovem negro que era espancado nos fundos do porão. As vinte pessoas foram encaminhadas à delegacia e responderam a um processo por resistência. Parte do material registrado em vídeo e foto foi apreendido pela polícia, que alegou a necessidade de averiguação.



Os fatos foram capa dos cinco maiores jornais da capital.

Esse despejo decorrente da "revitalização do Centro" evidenciou o racismo e a exclusão sócio-econômica que orienta a política higienista da atual Prefeitura. As oitenta famílias despejadas habitavam, desde março de 2003, esse edifício que ficou abandonado durante sete anos pelos proprietários. Hoje, algumas das famílias se juntaram a outros movimentos depois de permanecerem acampadas durante quatro meses na rua, em frente ao prédio que ocupavam.

imagens extraídas do vídeo *Plínio Ramos, 82* - disponível no site www.revistanumero.org

Fotos Anderson Barbosa/Chico Linares/Fábio Mallart/Flávia Sammarone/Isaumir Nascimento/Mariana Cavalcante

